

Entre o Enigma e o Inesperado: Uma aproximação à linguagem do *Cântico dos Cânticos*¹

LUÍSA MARIA VARELA ALMENDRA

Faculdade de Teologia – UCP (Lisboa)

Beija-me com os beijos da sua boca (Ct 1,2). Não é sem alguma surpresa que nos damos conta de como esta expressão inicial do *Cântico dos Cânticos* nos abre caminho por entre as veredas da linguagem do Inesperado. Uma surpresa que se adensa quando tomamos consciência de estar perante um texto que para os crentes, intelectuais ou não, constitui o cântico por excelência em toda a Escritura. Já com esta sua expressão inicial, o *Cântico dos Cânticos* revela um sentido cujo dizer exige a linguagem do inesperado, modos sempre surpreendentes de entoar o cerne da Revelação Bíblica, um canto em que tudo o que é dito acontece sob a proteção singular e suprema da prece e da afirmação do amor.

Mas como dizer o segredo desta singularidade e excelência, nomeadamente, quando nos apercebemos que este texto não é o único lugar da

¹ Este artigo retoma a apresentação oral realizada durante a V Jornada Prática de Teologia, 2014 (UCP-Lisboa), subordinada à temática «As Intrigantes Linguagens da Fé». A sua publicação na presente obra conjunta pretende sublinhar o apreço e a gratidão ao professor e, mais tarde, colega de leitura e interpretação das Escrituras: Armindo dos Santos Vaz; um nome que ecoará sempre como um testemunho de serviço pleno à Palavra.

Revelação expressa mediante uma linguagem humana abraçada pelo dinamismo do amor e da relação? Situam-se no âmago deste dinamismo a metáfora matrimonial que trespassa as palavras da profecia de Oseias (1-3) e de Jeremias (7,34; 16,9; 25,10; 31,4; 33,10-11), as palavras do Sl 45, considerada uma versão-breve do *Cântico dos Cânticos*, e o admirável poema da mulher forte, inteligente e fascinante, do final do *Livro dos Provérbios* (Pr 31,10-31). Integram-se neste campo semântico os paralelos linguísticos importantes que alguns autores estabelecem entre a linguagem do *Cântico dos Cânticos* e as palavras do primeiro homem à primeira mulher em Gn 2,23 [*Então, o homem exclamou: Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher (נִשְׂאָה), visto ter sido tirada do homem! (נִשְׂאָה*)]. Nesta exclamação do homem perante a mulher vêm muitos exegetas os primeiros contornos daquele dinamismo de amor e de relação que veremos serem constitutivos da paisagem soberba que se pode alcançar mediante a leitura atenta e meditada do *Cântico dos Cânticos*. Outros autores há ainda que, projetando a sua leitura até ao final da Revelação Bíblica, presumem a existência de uma espécie de arco teológico situado entre as palavras do *Cântico* e as últimas palavras do *Livro do Apocalipse*, palavras essas que aqui são as de uma mulher ditas a um homem, e que se resumem nesta: *Vem!* (Ap 22,17).

Embora relevantes no contexto da linguagem e da Revelação, na sua beleza e nos seus corolários, estes paralelos linguísticos e temáticos, são inexplicavelmente vencidos pela energia singular das palavras do *Cântico dos Cânticos*. Bem situado no centro das Escrituras, o *Cântico* vence-os e supera-nos ao corporizar uma admirável unidade entre as palavras de um homem a uma mulher (*Levanta-te! Anda, vem daí, ó minha bela amada!* Ct 2,13) com as de uma mulher a um homem (*Eu pertenço ao meu amado, e o seu desejo impele-o para mim. Anda, meu amado, corramos ao campo, passemos a noite sob os cedros!* Ct 7,11-12), dizendo uma relação que, num contexto de uma Revelação divina e dialógica, pretende dizer uma e a outra².

Na tradição judaica, o *Cântico dos Cânticos* foi relido continuamente como uma alegoria da relação amorosa entre Deus e o seu Povo. As palavras do *Cântico* alegram a celebração da noite de Páscoa e, em alguns meios

² Cf. A. WÉNIN, «Interpréter? Un exégète face au Cantique», in *Regards croisés sur le Cantique des cantiques* (Dir. J.-M. AUWERS) (Ed. Lessius; Bruxelles 2005) 60-76.

judaicos, o próprio *Shabbat*³. Ali, no momento em que Israel celebra a libertação de uma terrível opressão, Deus é o amado que salta nos cimos das montanhas, o representante do Messias, o novo Moisés⁴. Na tradição cristã, este amado foi, invariavelmente, identificado com Cristo, na sua relação com a Igreja ou com o crente, homem ou mulher⁵. Atualmente, estas transposições alegóricas têm sido revisitadas e questionadas pela exegese moderna, à luz do verdadeiro desígnio das palavras do *Cântico dos Cânticos*. Alguns autores sugerem uma leitura literal, uma em que se assumam os dinamismos antropológicos da experiência humana do amor. Outros sublinham a dimensão da estrutura dialógica do livro, nomeadamente o seu jogo de ecos e respostas entre um homem e uma mulher, a quem o anonimato confere um carácter genérico. Outros ainda, insistem no elemento lírico e metafórico, omnipresente em todo o *Cântico*, sublinhando o enigma de um texto que se apresenta como uma espécie de *mashal* (provérbio sapiencial), trespassado pelos temas sapienciais do amor e da relação entre o homem e a mulher. No interior deste debate exegético e teológico, existe algo de irrefutável e surpreendente: o *Cântico dos Cânticos* é um texto que, simultaneamente, integra uma linguagem humana e divina; um em que a palavra humana dada por um homem a uma mulher ou por uma mulher a um homem podem ser assumidas como uma chave de Revelação e de entendimento das Escrituras Sagradas, uma que em nós provoca e aclara nos dinamismos ínsitos à experiência da fé e do amor⁶.

Por isso, não admira que hoje o foco da atenção se volte para o modo como um livro, aparentemente o mais profano de todos os livros bíblicos – tanto pelo seu tema como pela ausência quase total de referências «religiosas» –, pode ser entendido como porta de acesso ao entendimento das Escrituras e ao sentido profundo que neles tem tanto o *crer* como o *amar*. Isto é tão inesperado quanto a possibilidade de um texto, onde se articula um diálogo amoroso entre um homem e uma mulher, se prestar à articulação de um diálogo entre Deus e o ser humano?

³ Cf. Ed. e trad. inglesa da *Melkhita De-Rabbi Ishmael* (J. Z. LAUTERBACH) (The Jewish Publication Society of America, Philadelphia 1933).

⁴ Cf. Homilias da *Pesikita de Rav Kahana e Pesikita Rabbati*, in W. G. BRAUD, *Discourses for Feast, Fast and Special Shabbats* (Yale University Press, New Haven 1968) 58.

⁵ Cf. *Homélies d'Origène*; JEAN de la CROIX, *Cantique spirituel*.

⁶ Cf. J.-P. SONNET, «Le Cantique, entre érotique et mystique: sanctuaire de la parole échangée», *NRT* 119 (1997) 481.

Sem qualquer pretensão de oferecer uma resposta última sobre estas questões ou de abarcar todo a inteligibilidade que elas implicam, sugiro uma modesta aproximação à linguagem do *Cântico dos Cânticos* reconhecendo-a como, para o dizer por breves palavras, *porta que nos aclara o invisível; linguagem que espelha o que somos; eco do 'amor' que precede e redime todos os amores humanos.*

Uma porta que nos aclara o invisível

O título *Cântico dos Cânticos de Salomão* (שִׁיר הַשִּׁירִים אֲשֶׁר לְשִׁלְמֹה) (Ct 1,1) – estabelece, literalmente, uma relação do poema com a figura histórica de Salomão, remetendo-nos, desde logo, para o horizonte peculiar da *sabedoria bíblica*, como espaço particular do debate veemente e da paciente procura de Deus. O *Cântico*, portanto, abre-nos um horizonte sapiencial de debate e de atenção à sonoridade poética do texto, ali onde tudo é equacionado dentro e para além do que seja mais puro ou mais simples. No âmago da sabedoria e da poesia bíblica, sussurrada em diálogos e monólogos, somos convidados a escutar os sons do sonho e da realidade, ali mesmo onde o amor recíproco de um homem e de uma mulher se mostra sob a forma de uma parábola, agora oferecida à nossa capacidade de leitura e à própria inteligência do dom.

Como é sabido, as Escrituras, na sua globalidade – judaicas e cristãs – estão atravessadas por diálogos e monólogos. No entanto, são sempre diálogos e monólogos situados no seio de uma narrativa englobante, onde aqui e ali, emerge um narrador que preside à narração. Um exemplo relevante, no âmbito sapiencial, é o caso do *Livro de Job*, repleto de diálogos e monólogos de uma incomensurável intensidade. Facto, porém, é que neles o leitor nunca se encontra só. Desde o início, ele entra no texto pela mão de um narrador que lhe diz: «Vivia na terra de Uz um homem chamado Job...» (Jb 1,1). Este não é o caso do *Cântico dos Cânticos*, onde o diálogo não aparece introduzido ou cadenciado por um narrador, pois ali ninguém nos diz: «Ele disse...» ou «Ela respondeu...»⁷. Ninguém nos

⁷ Cf. R. J. TOURNAY, *Quand Dieu parle aux hommes le langage de l'amour. Études sur le Cantique des Cantiques* (Gabalda; Paris 1982) 9-29.

informa quando ou mesmo se essas palavras foram pronunciadas. Nós somos conduzidos na leitura sem mediação alguma e uma vez ultrapassado o limiar do título encontramos-nos expostos a palavras vivas, que não podemos neutralizar, dizendo que pertencem a esta ou àquela personagem da história bíblica. É neste lugar de uma palavra humana real e concreta que, inesperadamente, o diálogo amoroso entre um ‘eu’ e um ‘tu’ se revela como porta aberta em direcção àquilo que nos é invisível aos olhos, mas não assim ao coração⁸.

Não só a linguagem, mas também a força de atração que impele os interlocutores do *Cântico dos Cânticos* um para o outro, é determinante para a experiência da diferença que sela o seu diálogo. A sua união realiza-se a um nível poético, nas metáforas que eles inventam um para o outro e um sobre o outro⁹. Não estamos ao mesmo nível de discurso em que se situa Adão quando oferece um nome aos animais mudos (cf. Gn 2,20). O Adão e a Eva do *Cântico dos Cânticos* dão a si mesmos nomes de animais. Ele diz: «A uma égua entre os carros do Faraó eu te comparo, ó minha amiga» (Ct 1,9); «Minha pomba, nas fendas do rochedo, no escondido dos penhascos, deixa-me ver o teu rosto, deixa-me ouvir a tua voz. Pois a tua voz é doce e o teu rosto, encantador» (Ct 2,14). Ela responde: «O meu amado é semelhante a um gamo ou a um filhote de gazela. Ei-lo que espera, por detrás do nosso muro, olhando pelas janelas, espreitando pelas frinças» (Ct 2,9). A linguagem do *Cântico*, portanto, constrói-se num face a face, sempre fundamental em qualquer diálogo amoroso¹⁰. Na simetria deste diálogo, cada um se recebe da palavra do outro. Cada um é criador e pessoa, sem uma qualquer vantagem ou supremacia sobre a pessoa diante de quem está¹¹. Num diálogo assim não há lugar para dominação ou subordinação, nem qualquer estereótipo sobre um ou o outro sexo¹². Aceitando-o ou não,

⁸ Cf. Fr. ROSENZWEIG, *L'étoile de la rédemption* (Paris 1982) 238: «... il n'y a qu'un bref passage 'où le Je demeure silencieux – "le seul instant d'objectivité, la seule fondation" – qui est celui des paroles sur l'amour fort comme la mort (Ct 8,6-7)».

⁹ Cf. J.-P. SONNET, «Le Cantique, entre érotique et mystique: sanctuaire de la parole échangée», *NRT* 119 (1997) 489.

¹⁰ Cf. X. LACROIX, *Le corps de chair. Les dimensions éthique, esthétique et spirituelle de l'amour* (Paris 1992) 37-42.

¹¹ Cf. Th. TRIBLE, *God and the Rhetoric of Sexuality* (Fortress Press; Philadelphia 1978) 160.

¹² Cf. M. FALK, *The Song of Songs* (Harper; San Francisco 1990) 118: «Le langage des deux voix, féminine et masculine, du Cantique, aussi riches, sensuelles, expressives d'émotion et enjouées l'une que l'autre... témoigne d'une culture non sexiste, non hiérarchisée – fait unique dans la Bible.»

o diálogo amoroso emerge como um santuário de liberdade, onde os que se amam se expressam através de metáforas vivas e figuras inéditas. Amam-se numa atmosfera de liberdade e de igualdade, de um face ao outro, de um para o outro, num amor onde o carnal é espiritual e o espiritual é carnal, deixando à visibilidade das palavras a possibilidade de ser porta que nos aclara a invisibilidade de um amor ali e no mais além, que sustém e impele.

Uma linguagem que espelha o que nós somos

Desde o início até ao fim da leitura, as palavras do *Cântico dos Cânticos* conduzem-nos pelas vielas de uma espantosa parábola que espelha o que nós somos: homens e mulheres, criados à imagem de Deus (cf. Gn 1,27). A linguagem do *Cântico* pode, por isso, ser reconhecida como enigma incomensurável capaz de anunciar e evocar um outro enigma, sempre maior: o do insondável mistério da diferença entre Deus e o ser humano, onde o homem e a mulher criados à sua imagem e semelhança, não são deuses nem como Deus: (*Tu imaginas que eu seja como tu?* Sl 50,21). No entanto, é precisamente neste lugar da irredutível diferença que se expressa uma espantosa união. Aqui, a palavra da Revelação desdobra-se num excesso de metáforas e a Fé e a união com Deus acabam por ser ditas na forma, talvez, mais concisa de sempre: *Eu sou para o meu amado e meu amado é para mim* (Ct 2,16; 6,3).

Esta percepção permite assegurar que este livro, frequentemente afastado da nossa atenção, constitua um extraordinário centro simbólico, onde o enigma que encerra coincide com o enigma de toda a Escritura. O diálogo amoroso do *Cântico* é na verdade o de um homem e de uma mulher, espelho do que nós somos, na nossa humanidade. Porém, no drama e na felicidade humana de uma existência dialogada, este diálogo propõe-se, também, como o espelho de toda a Escritura; palavra e existência dialogada entre Deus e o ser humano. Num diálogo que une a diferença entre um «tu» e um «eu», masculino e feminino, o *Cântico dos Cânticos* articula as palavras de uma *aliança* e de um *amor* transversal e fundante de toda a Escritura¹³.

¹³ Cf. A.-M., PELLETIER, *Lecture du Cantique des Cantiques. De l'énigme du sens aux figures du*

Uma linguagem que é eco do ‘amor’ que precede e redime todos os amores

Se é verdade que podemos reencontrar no *Cântico dos Cânticos* um eco às palavras de encanto de Adão perante Eva em Gn 2,23, é a própria narrativa bíblica que, na sua continuidade, nos alerta para as dimensões da inconstância e da fragilidade deste encanto humano (Gn 3). Daí a pergunta: *mesmo que o Cântico dos Cânticos nos remeta, apenas, para a realidade de um simples amor humano, quem ama como se ama no Cântico dos Cânticos?* Ninguém! Somos tentados a responder! Ninguém, senão o *Deus da aliança*; ninguém senão o *amor que precede todos os amores humanos frágeis e inconstantes*¹⁴. Ora é nesta percepção, que se opera o dom do entendimento e percebemos que o amor humano, cantado nas palavras do *Cântico dos Cânticos*, transporta no seu âmago algo mais do que o simplesmente humano: a maravilha e o mistério de uma aliança e de um amor que redime e precede todos os amores. Nesta compreensão, a linguagem literal do amor humano adensa-se e plenifica-se, tornando-se síntese do humano e do divino, pois nela se encontra a síntese que em Cristo une a humanidade e a divindade, revelando, em simultâneo, a correlação entre Deus e o humano. Neste entrelaçamento de amor (divino e humano) temos algo intrínseco e transversal a toda a Revelação Bíblica¹⁵.

Neste espaço singular de Revelação, o *Cântico dos Cânticos* encontra o seu lugar ímpar e distinto. Nenhum outro texto sagrado nos canta um amor entre o homem e a mulher, capaz de evocar simultaneamente o amor e relação entre Deus e Israel, Cristo e a Igreja. Arrebatados pela polifonia do humano e divino do *Cântico*, somos levados a dizer como Paulo: *é grande este mistério* (Ef 5,32). É insondável o plano de Deus sobre a existência humana e o amor com que ele *cobre* toda a humanidade¹⁶. É misterioso este amor que precede todos os amores¹⁷. O amor que salva está perto do

lecteur (AB 121; PIB, Rome 1989) 368-390.

¹⁴ Cf. G. CASALIS – H. GOLLWITZER – R. de PURY, *Un chant d’amour insolite: le Cantique des Cantiques* (Desclée de Brower 1984) 16-18.

¹⁵ Cf. G. BARBIERO, *Cantico dei Cantici. Nuova versione, introduzione e commento* (Ed. Paoline; Milano 2004) 25-32.

¹⁶ Cf. A.-M. PELLETIER, *Le Cantique des Cantiques* (Cerf; Paris 1993) 60.

¹⁷ Cf. G. CASALIS – H. GOLLWITZER – R. de PURY, *Un chant d’amour insolite: le Cantique des Cantiques* (Desclée de Brower 1984) 21-22: «C’est vraiment ainsi que le Dieu vivant aime son

amor que é salvo; proximidade que não permite colocar-se um em contra-posição ao outro, muito menos um contra o outro, já que ambos – amor divino e humano – se destinam a serem mutuamente conjugados.

Para judeus e cristãos, Deus terá sempre os contornos do amado que pergunta, continuamente, *Quem é essa que sobe do deserto, encostada ao seu amado?* (Ct 8,5). Deus será sempre um Deus que pede incessantemente: *Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor, implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas...* (Ct 8,5-6). Deus será sempre um Deus que se revela no mais profundamente humano e que se vela num amor *forte como a morte*; o único capaz de se dar e de morrer pela pessoa amada.

O crer e o amar, segundo o *Cântico dos Cânticos*, habitam na harmonia que conseguimos ou não estabelecer entre as palavras que se dizem sobre a verdade da relação entre o homem e a mulher e a verdade que assumimos ser intrínseca à relação de Deus com a humanidade. É verdade, os leitores modernos que somos, sempre mais sensíveis à dimensão antropológica, minimizada pelas primeiras interpretações alegóricas do judaísmo e cristianismo julgamo-nos aptos a entender que não existe uma negligência do divino só porque nos detemos no humano. Aceitamos, efetivamente, que as palavras humanas do *Cântico* constituam um lugar teológico. Mas também é verdade que nem sempre estamos bem conscientes de que o modo como lemos os cantos feitos de amor maravilhado pelo amado e pela amada é profundamente relevante para o modo como percebemos a unidade e o poder desse *amor outro* que sustem o mundo e conduz a história: *o amor* único de Deus, que em Jesus Cristo é capaz de atravessar e superar as sombras de todas as infidelidades e das mais incongruentes fragilidades humanas.

Podemos dizer que sem a experiência do *amor de Deus* é impossível a inteligência plena do poema que é o *Cântico dos Cânticos*. De facto, não são palavras de mera retórica as dos que sustentam que só o amor reconhece

peuple, qu'Israël connaît et reçoit son Seigneur: dans cette nouveauté, cet émerveillement, cette vigueur jamais usés, comme au premier jour, comme au lendemain de la mer Rouge, de Pâques ou du Baptême. Pas plus qu'il n'y a d'installation dans l'amour véritable, il n'y a d'accoutumance dans la vie en face du Dieu vivant. Tout est neuf, redonné, réoffert sans cesse. On comprend que le peuple de l'exode et de l'exil nous ait transmis ce chant de l'amour jamais habitué et toujours jeune: voilà comment aime le Dieu de L'Alliance, avec cette passion, cette impatience et cette joie.»

e entende o amor. Em Jâmnia, no final do século I, Rabbi Aqibah, uma grande figura do judaísmo farisaico, reconhecia e entendia os enigmas da linguagem deste *amor*. Por isso, no meio de uma acesa disputa sobre a sacralidade do *Cântico dos Cânticos*, ele ergueu um testemunho que o tempo nunca apagará: ‘*Que jamais alguém, em Israel, conteste e diga que o Cântico dos Cânticos mancha as mãos. Porque o mundo inteiro não é digno do dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado a Israel. Na verdade, todas as Escrituras são santas, mas o Cântico dos Cânticos é o Santo dos Santos*’. Ele é o coração das Escrituras, feito lugar do amor supremo, aninhado no coração em que brota o frágil amor humano.

A intertextualidade, por isso, bem nos pode ajudar, pois a linguagem do *Cântico dos Cânticos* encontra eco fascinante nos mandamentos do amor pleno: *Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças* (Dt 6,9); *É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos* (Jo 15,12-13). *Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim* (Jo 17,23).

Enfim, todo aquele que aprende a ler a linguagem arrebatadora do *Cântico dos Cânticos* haverá de reconhece-se como um simples mendigo do sentido, implorando incessantemente *Beija-me com os beijos da sua boca* (Ct 1,1). No visível do enigma, este mendigo experimenta que só *estas palavras e não outras* abençoam a sua capacidade de acreditar e de amar. Só uma linguagem assim, como a do *Cântico*, se pode constituir, em sua espantosa e inaudita percepção do *amor e da relação inter-humana*, como o lugar mais próximo e mais íntimo em que Deus habita. Só ela lhe permite ‘morar’ e ‘enamorar-se’ profundamente da sua vida humana frágil e em permanente deslocação¹⁸. Mediante uma leitura demorada e amorosa, pressente-se o encanto e a urgência de colocar estas palavras como *um selo na mão*, isto é, de nelas aprender a ver o que em nós é mais profundamente

¹⁸ Nesta linha de sentido cf. Ch. YANNARAS, *Variazioni sul Cantico dei Cantici* (Edizioni Qiqajon; Magnano 2012) 25-37; C. CHALIER, «Je vous conjure, ô filles de Jérusalem. Par les biches et les gazelles des champs. N'éveillez pas, ne provoquez pas l'amour, avant qu'il le veuille» (Ct 2,7), in *Le lumineux abîme du Cantique des cantiques* (Éditions Parole et Silence; Paris 2008) 38-39; G. RAVASI, *Il linguaggio dell'Amore Cantici* (Edizioni Qiqajon; Magnano 2005) 41-52.

humano. É ali que as palavras do *Cântico* nos lembrarão que só viveremos se formos capazes de nos expormos e de abraçarmos O único amor que é mais forte do que morte (Ct 8,6).